

Mercado do leite prova o sabor do investimento em genética superior



O investimento em genética é um dos responsáveis pelo cenário atual do mercado do leite no país, o melhor dos últimos quatro anos. Na média ponderada, os preços ao produtor fecharam 2022 em R\$ 2,65. E se mantêm firmes até o momento, retomando o ânimo perdido por altos e baixos recentes.

O produtor reconhece que o melhoramento genético é um agente importante nesse processo, pois tem custo baixo (entre 1,5% e 2,5%) e efeito vantajoso a longo prazo para a evolução do projeto pecuário – aprimora a qualidade do plantel e deixa um(a) bezerro(a). Mais do que isso, a genética se perpetua no plantel, sendo repassada para as próximas gerações.

Esses benefícios são potencializados pela evolução das técnicas reprodutivas, como o sêmen sexado, que possibilita a escolha do sexo do bezerro, colaborando enormemente para a velocidade de renovação do plantel.

Estamos vivendo uma transformação positiva na pecuária leiteira. Há propriedades com 100, 300 ou 500 vacas com média de produtividade superior a 40 litros de leite. É algo fantástico e inimaginável até pouco tempo atrás. Esse dado também mostra como o efeito da genética melhoradora é contínuo e rápido.

É vital que todos os produtores entendam a importância do investimento na multiplicação da genética superior. A inseminação e outras biotecnologias reprodutivas podem colaborar com o crescimento de pequenos pecuaristas, potencializando seus ganhos, e com médios e grandes projetos, os consolidando ainda mais no setor de produção leiteira. O caminho natural é a democratização cada vez maior do acesso às tecnologias de reprodução, com acesso facilitado a todos os tamanhos de projeto. Atualmente, há menos criadores, mas a oferta de leite

continua aumentando. Esse é o fruto de animais ainda mais produtivos.

Além dos ganhos de produtividade, esse aporte de tecnologia proporciona ganho de escala, contribuindo para a redução dos custos em uma atividade em que cada centavo faz a diferença.

Mas, claro, os investimentos serão maiores à medida que a rentabilidade também crescer. Nossa expectativa é que os preços ao produtor devam continuar em alta pelo menos por mais dois ou três meses. Um passo de cada vez.

Contribui para esse momento positivo a relativa estabilidade dos custos de produção – responsáveis por pesadelos em muitos momentos. Teremos excelente safra de milho e soja, o que deve segurar o aumento dos preços. Bom para os produtores de leite.

Outra boa notícia é a possível inclusão do leite na merenda escolar. Se sair do papel, essa medida terá duplo impacto: aumentará a demanda interna e fornecerá aos estudantes – especialmente os mais carentes – um alimento essencial e de alta qualidade.

O Brasil é um dos maiores produtores mundiais do leite. São 35 bilhões de litros por ano. O consumo interno está em torno de 170 litros por habitante/ano, ainda aquém das exigências da FAO. Porém, se trata de uma atividade de ciclos. E o atual é positivo, que nos permite voltar a falar, inclusive, em exportação.

Para isso, é essencial que os investimentos em genética continuem, assim como os cuidados com nutrição, sanidade, conforto e bem-estar animal. Mais produtividade significa menos custos e com isso mais rentabilidade e motivação para os criadores investirem. E isso é bom para todos.

Por Nelson Eduardo Ziehlsdorff, presidente da Associação Brasileira de Inseminação Artificial (Asbia)

MARIADITA
SENEPOL
JAGUARIÚNA



Dr. Caius Godoy (Dr. da Roça) agora aqui todas as semanas



Aos que ainda não me conhecem, meu nome é Caius Godoy, advogado e administrador de empresas com atuação exclusiva no agronegócio. De uma família de produtores rurais do interior de São Paulo, a querida Duartina, tento através do meu trabalho levar informações para dentro da porteira, sendo elas envolvendo o Direito, ou não. Hoje tenho escritório nas cidades de Campinas e Jaguariúna e com muito orgulho sou conhecido e chamado carinhosamente pelos meus amigos e clientes, como o Dr. da Roça. Espero que gostem da minha coluna semanalmente falando sobre o mundo agro e agradeço pela oportunidade do Grupo O Regional de comunicação.

E como sempre finalizo, tchaaau obrigado!!

Isenção do ICMS – estado de São Paulo



A isenção do ICMS ao produtor rural é uma das modalidades específicas de isenção concedida pelo Estado de São Paulo. Essa medida tem como objetivo incentivar a atividade agrícola e pecuária, promovendo o desenvolvimento rural, a geração de empregos no campo e o abastecimento de alimentos.

No Estado de São Paulo, a isenção do ICMS ao produtor rural está prevista na legislação específica, como a Lei Estadual nº 6.374/1989 e seus regulamentos. Essa isenção abrange a saída de produtos agropecuários produzidos pelo próprio agricultor ou pecuarista, bem como a entrada de insumos e equipamentos utilizados na atividade rural.

Para usufruir da isenção do ICMS como produtor rural, é necessário atender a certos requisitos estabelecidos pela legislação. Alguns dos principais requisitos incluem:

1. Inscrição no Cadastro de Contribuintes do ICMS (Cadesp) como produtor rural;
2. Comprovação de atividade agropecuária regular;
3. Cumprimento das obrigações fiscais e regulamentares, como a emissão de notas fiscais;
4. Venda dos produtos diretamente ao consumidor final, cooperativas, agroindústrias ou outros produtores rurais;
5. Manutenção de registros contábeis e documentos comprobatórios da atividade rural.

É importante ressaltar que a isenção do ICMS ao produtor rural se aplica apenas às operações realizadas dentro do Estado de São Paulo. Caso haja venda de produtos para outros estados, é necessário

observar as regras e obrigações fiscais específicas de cada localidade.

A isenção do ICMS ao produtor rural traz benefícios significativos para o setor agrícola e pecuário. Além de reduzir a carga tributária sobre a atividade, ela também contribui para a competitividade dos produtos agrícolas paulistas, uma vez que diminui os custos de produção.

Vale destacar que, embora a isenção do ICMS ao produtor rural seja um estímulo importante para o setor, é fundamental que os produtores rurais estejam atentos às obrigações fiscais e legais vigentes. É recomendável buscar o auxílio de um profissional contábil especializado para garantir o cumprimento adequado das normas e evitar eventuais penalidades.

Conclusão

A isenção do ICMS ao produtor rural no Estado de São Paulo é uma medida que busca incentivar e fortalecer o setor agropecuário. Ao dispensar o pagamento do ICMS sobre as operações realizadas pelos produtores rurais, o Estado estimula o desenvolvimento rural, a geração de empregos e a produção de alimentos. No entanto, é essencial que os produtores rurais cumpram os requisitos e obrigações estabelecidos pela legislação estadual para usufruir dessa isenção de forma correta e legal.

Dr. Caius Godoy (Dr. da Roça), Advogado e Presidente da Comissão de Agronegócios e Assuntos Agrários da OAB Jaguariúna.

e-mail: caius.godoy@adv.oabsp.org.br



AGRONOTÍCIA

Mauricio Picazo Galhardo

PLANO SAFRA

Diante desse cenário, Carlos Fávaro considerou que o novo Plano Safra será inovador no aspecto de combater essa retórica. Segundo ele, o Plano será ancorado no programa ABC - Agricultura de Baixo Carbono, com a ideia de promover um sistema de reconhecimento e premiação pelas boas práticas do agricultor, e não punitivo e criador de obrigações. "Estamos planejando o Plano Safra com a ministra Marina Silva e o ministro Paulo Teixeira", disse o ministro.

AUDIÊNCIA

O ministro da Agricultura e Pecuária, Carlos Fávaro, participou nesta de audiência pública na Comissão de Agricultura e Reforma Agrária (CRA) para falar sobre os programas prioritários do Mapa para os próximos anos. A reunião contou também com a participação do ministro do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar, Paulo Teixeira. Em sua exposição, Fávaro pontuou algumas das prioridades do ministério que incluem a formulação do novo Plano Safra 2023/2024 e a abertura de novos mercados de exportação.

PRIORIDADES

O ministro da Agricultura e Pecuária, Carlos Fávaro, participou de audiência pública na Comissão de Agricultura, Pecuária, Abastecimento e Desenvolvimento Rural da Câmara dos Deputados, onde falou sobre as prioridades e as ações do Ministério da Agricultura para 2023 e respondeu aos questionamentos dos parlamentares sobre diversos temas.

COREIA DO SUL

Representantes do governo da Coreia do Sul realizaram uma auditoria em cinco exportadoras de mangas localizadas no Vale do São Francisco, região sertão dos

estados de Pernambuco e Bahia. O trabalho foi retomado depois de três anos de interrupção devido à pandemia da Covid 19. A Coreia do Sul recebe mangas de cinco exportadoras do sertão. As exportações da fruta para a Coreia do Sul não foram interrompidas durante a pandemia.

RASTREABILIDADE

O ministro da Agricultura, Carlos Fávaro, disse em São Paulo que não há outro caminho para desenvolver a pecuária brasileira sem a adoção da rastreabilidade, ou seja, o acompanhamento de todo o percurso de uma matéria-prima, desde a sua origem até o uso no produto final. Ele participou, ao lado do vice-presidente Geraldo Alckmin, de dois eventos na capital paulista: o Encontro Marfrig Verde Mais e 31ª Edição do Prêmio Revista Ferroviária, que homenageou o ex-ministro Blairo Maggi.

TRATOR PEQUENO

A Agritech, pioneira na indústria brasileira ao fabricar máquinas voltadas especialmente para a agricultura familiar, lança dois tratores, durante a Agrishow. A novidade que a marca levará para a feira é a linha AGT 75 nas versões compacta e agrícola. O modelo de 75 cv agrícola, lançamento na Agrishow, é indicado para o preparo de solo, para atender pequenas e médias propriedades.

LEITE

Em fase experimental de validação, uma tecnologia desenvolvida pela Embrapa, com o apoio da iniciativa privada, é uma alternativa à carência de técnicas rápidas e confiáveis para avaliar a qualidade do leite cru no local de produção. O sistema digital permite acesso aos dados da análise de forma remota via conexão de rede sem fio (Wi-fi). Chamada de SondaLeite, a inovação foi capaz de detectar

com precisão e em segundos um problema multifatorial que traz grandes prejuízos à cadeia produtiva brasileira, a incidência do leite instável não ácido (Lina).

FUNDO DE INVESTIMENTOS

Os Fundo de Investimentos das Cadeias Agroindustriais (FIAgro) foi tema da maior exposição agropecuária da América Latina, a Agrishow, no Parque Tecnológico de Ribeirão Preto (SP). O vice-presidente da Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA) na Câmara dos Deputados, Arnaldo Jardim (CD-SP), e representantes da Comissão de Valores Mobiliários (CVM) e do Instituto Brasileiro de Direito do Agronegócio (IBDA), debateram a importância do financiamento do setor.

ETANOL+VERDE

Aconteceu na Agrishow a abertura do 'Etanol Mais Verde'. O programa tem como objetivo estimular as melhores práticas agroambientais e a sustentabilidade da cadeia produtiva da cana-de-açúcar. Além disso, sua finalidade é também solucionar os desafios comuns do setor sucroenergético, buscando avanços na área ambiental, social e econômico em todo o Estado de São Paulo. A meta definida pelo secretário Antonio Junqueira é que a regularização ambiental alcance 100% no Estado de São Paulo. (Com informações de assessorias)

Mauricio Picazo Galhardo é jornalista
Email: mauricio.picazo.galhardo@gmail.com

AGRO CARTOON

PICAZO



Importações de soja brasileira pela China registram nova queda em abril



As importações de soja do Brasil pela China caíram 16% em abril em comparação com o mesmo mês do ano anterior, mostraram dados divulgados no sábado, mantendo a oferta do país sul-americano bem abaixo do nível do ano passado após atrasos na colheita.

O maior comprador mundial de soja importou 5,3 milhões de toneladas da oleaginosa do Brasil, seu principal fornecedor, contra 6,3 milhões de toneladas no ano anterior, segundo dados da Administração Geral das Alfândegas.

Os compradores chineses aproveitaram a safra recorde de soja brasileira deste ano e os preços baixos para intensificar as compras no início deste ano.

Mas a colheita brasileira atrasada e o carregamento de grãos desaceleraram os embarques, enquanto o aumento das inspeções da China nas chegadas de soja no mês passado reduziu ainda mais as

importações, disseram traders.

No acumulado do ano, as importações do Brasil seguem 28% abaixo do ano anterior, com 9,21 milhões de toneladas nos primeiros quatro meses, ante 12,7 milhões de toneladas no mesmo período de 2022.

As importações dos Estados Unidos continuam subindo, com alta de 11% em abril em relação ao ano anterior, para 1,82 milhão de toneladas.

Os embarques dos EUA para este ano até agora estão em 18,24 milhões de toneladas, em comparação com 15 milhões de toneladas no ano passado.

Para o milho, as chegadas dos Estados Unidos caíram para 53.099 toneladas, ante 1,51 milhão de toneladas no ano anterior. As importações totais de milho da China em abril contraíram 55% em relação ao ano anterior, para 1 milhão de toneladas, sendo a Ucrânia o principal fornecedor.

Algoritmo brasileiro busca projetar futuro da floresta amazônica e prever mudança de captação de CO₂

Um grupo de pesquisadores da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) desenvolveu um algoritmo capaz de projetar o futuro da vegetação amazônica, apresentando cenários com transformações da floresta provocadas pelas mudanças climáticas.

Um dos resultados mostra que um clima mais seco na região, com redução de 50% na precipitação, poderia aumentar a diversidade, porém com menores índices de estocagem de carbono.

Isso porque haveria um aumento de armazenagem de dióxido de carbono (CO₂) nas raízes da vegetação em detrimento da absorção por meio de folhas e troncos, que têm maior capacidade de acúmulo. Levando em consideração diferentes situações, os cientistas calcularam que a absorção poderia ser entre 57,48% e 57,75% menor em comparação a condições climáticas regulares.

Primeiro algoritmo desse tipo exclusivamente brasileiro, foi apelidado de CAETÉ, que na língua tupi-guarani significa "mata virgem". O nome vem da sigla CARbon and Ecosystem functional-Trait Evaluation model (em tradução livre: modelo para avaliação de características funcionais de carbono e de ecossistema). Seus primeiros resultados estão descritos em artigo publicado na revista científica *Ecological Modelling*.

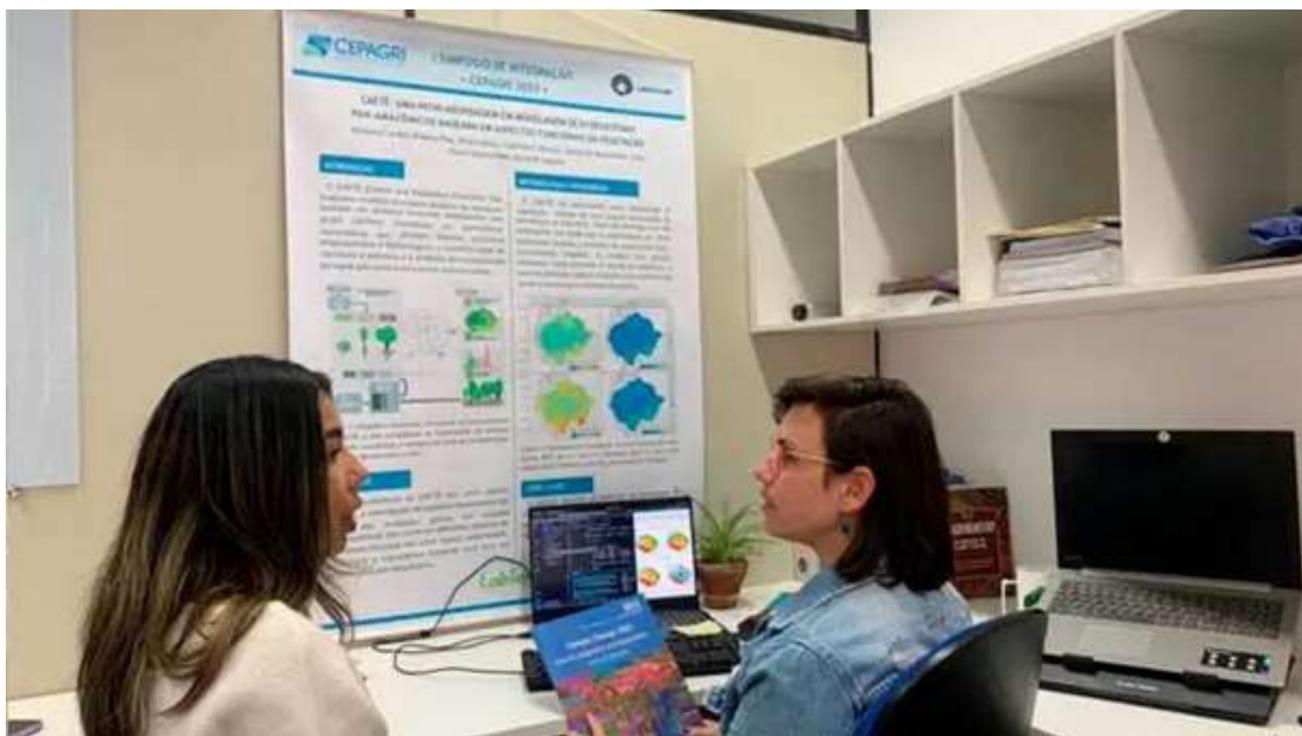
O CAETÉ simula fenômenos da natureza usando equações matemáticas alimentadas por dados de condições ambientais, como chuva, incidência solar e níveis de CO₂. Com essas informações, o algoritmo responde qual pode ser a taxa de fotossíntese em determinadas condições ou em qual parte a planta estocar mais carbono (raízes, folhas ou troncos). Por meio dessa informação, é possível chegar à quantidade de carbono que a floresta pode armazenar e em qual ponto a vegetação nativa não se recupera mais.

"O principal resultado da pesquisa foi mostrar que a inclusão da diversidade em modelos de vegetação melhora a capacidade de projeção frente às mudanças climáticas, aumentando a credibilidade. E o segundo ponto, um resultado inesperado, mostra que, após aplicar uma redução de 50% na precipitação, houve um aumento na diversidade de estratégias das plantas, mas com menor retirada de carbono da atmosfera. Isso pode ter um resultado diferente sobre a mitigação das mudanças climáticas. Neste caso, aumentar a diversidade necessariamente pode não indicar um saldo positivo", afirma Bianca Fazio Rius, primeira autora do artigo e doutoranda do Instituto de Biologia (IB) da Unicamp.

Rius recebe apoio da FAPESP, que também financiou o estudo por meio de bolsa a João Paulo Darela Filho e do AmazonFACE, um programa de pesquisa que estuda, por meio de experimento de campo, como o aumento de CO₂ atmosférico afeta a floresta amazônica, sua biodiversidade e os serviços ecossistêmicos.

A pesquisadora integra a equipe do Laboratório de Ciência do Sistema Terrestre, coordenado pelo professor David Montenegro, que orientou o estudo.

"Com o CAETÉ, ao mesmo



tempo em que se busca melhorar a representação da enorme diversidade biológica da maior floresta tropical do mundo, também cria-se um estímulo à coleta de dados em campo que ainda são necessários para esse tipo de modelo", explica Lapola à Agência FAPESP.

O professor foi um dos brasileiros que, juntamente com outros 34 cientistas de instituições nacionais e internacionais, assinaram artigo destacado na capa da revista *Science*, no início deste ano, mostrando que cerca de 38% da atual área da Amazônia sofre com algum tipo de degradação causada por quatro fatores — fogo, extração seletiva de madeira (em sua maioria ilegal), efeitos de borda (que são mudanças em regiões de floresta ao lado de zonas desmatadas) e secas extremas. O resultado é que as emissões de carbono derivadas da perda gradual de vegetação são equivalentes ou até maiores do que as registradas por desmatamento.

Vantagens e desvantagens

Modelos de vegetação têm sido amplamente utilizados para explorar o destino do balanço de carbono da floresta amazônica sob condições climáticas projetadas para o futuro. Estudos anteriores já mostraram que nos últimos 40 anos a Amazônia ficou 1 oC mais quente e chegou a ter uma redução de até 36% no nível de chuvas em algumas áreas. Como reflexo do desmatamento, da degradação vegetal e do aquecimento global, a floresta também tem perdido sua capacidade de absorver CO₂.

Além disso, relatório divulgado em 17 de maio pela Organização Meteorológica Mundial alerta que a temperatura global deve atingir níveis recordes nos próximos cinco anos por causa dos gases que causam o efeito estufa e do fenômeno El Niño, com previsão de redução no regime de chuvas para a Amazônia.

No entanto, os algoritmos atuais usam como base um pequeno conjunto dos chamados tipos funcionais da planta (PFT, na sigla em inglês), com sub-representação da diversidade. Com isso, a combinação de características encontradas nos ecossistemas-modelo é simplificada diante da complexidade da maior floresta

tropical do mundo, gerando cenários limitados ou que superestimam os impactos das mudanças ambientais.

Entre os tipos existentes atualmente estão os modelos dinâmicos de vegetação global (DGVMs) — softwares que fazem simulações e projeções da dinâmica vegetacional de uma região, entre eles o Jena Diversity (JeDi). Por outro lado, entre as vantagens das simulações, está o fato de elas não dependerem de logística e de grandes investimentos, necessários para a realização de um experimento de campo em larga escala.

Ponto de inflexão

Rius explica que o estudo não foca em espécies. "Usamos a ideia de que cada indivíduo, mesmo indivíduos dentro de uma espécie, pode ser considerado um tipo de estratégia para lidar com o ambiente. Não necessariamente as estratégias criadas computacionalmente pertencem a uma determinada espécie", diz.

A pesquisadora explica que as estratégias representam um conjunto de características de plantas ou de qualquer ser vivo que vão dizer como ele responde ou afeta o ambiente. Ou seja, uma planta que adapta a profundidade da raiz para poder acessar água dependendo da altura do lençol freático. Isso pode determinar a sobrevivência e a reprodução desses indivíduos, estando ligado aos serviços ecossistêmicos, como a capacidade de absorção de carbono ou a geração de umidade para o ciclo de chuvas.

"O que vimos com o clima ficando mais seco foi uma mudança na ocorrência de tipos de estratégia de vida na Amazônia. Observamos um aumento na ocorrência de estratégias semelhantes às do Cerrado. E como se houvesse um adentramento do Cerrado na floresta, desfecho que outros trabalhos já trouxeram", completa Rius.

Os cientistas destacam que a pesquisa com o CAETÉ trouxe mais evidências de que a inclusão da variabilidade e de diversidade pode ter implicações para a modelagem do chamado "ponto de inflexão" da Amazônia, quando a vegetação natural não consegue mais se recuperar. Um dos pri-

meiros artigos a tratar do tema foi assinado pelos pesquisadores Thomas Lovejoy (1941-2021), biólogo que cunhou o termo "diversidade biológica", e Carlos Nobre, copresidente do Painel Científico para a Amazônia, destacando a importância do ciclo hidrológico da floresta tropical não só para o Brasil como a América do Sul e outras regiões.

Por meio da evapotranspiração, a floresta garante ao longo de todo o ano a umidade que contribui, por exemplo, para chuvas em partes da bacia do rio Prata, especialmente no sul do Paraguai, do Brasil, Uruguai e centro-leste da Argentina.

Histórico

O CAETÉ começou a ser criado em 2015 com base no modelo ecossistêmico CPTEC-PVM2, que teve Lapola como um dos envolvidos no desenvolvimento inicial.

"A maioria dos modelos de vegetação representa a Amazônia com dois ou três tipos de estratégias. A proposta foi incluir maior diversidade. Vamos continuar a desenvolvê-lo, porque um modelo nunca está pronto", afirma Rius.

Nessa linha, a doutoranda do IB da Unicamp Bárbara Cardeli se juntou ao grupo e está trabalhando no modelo para incluir um módulo visando quantificar os serviços ecossistêmicos. "A ideia é que, de uma maneira simples, seja possível ver por meio de alguns processos, por exemplo, como as estratégias da vegetação alocam carbono, quais serviços ecossistêmicos estão assegurados ou não. Queremos incluir dados numéricos, valores, de como está o oferecimento desses serviços", conta Cardeli.

Na visão dos pesquisadores, o CAETÉ pode vir a ser uma ferramenta que forneça dados para tomada de decisões e construção de políticas públicas voltadas ao mercado de carbono. O Brasil assumiu durante a Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP26) o compromisso de reduzir em 50% as emissões de carbono do país até 2030 em relação aos dados de 2005 e neutralizá-las até 2050.

O artigo *Higher functional diversity improves modeling of Amazon forest carbon storage* pode ser lido aqui.

MUNDO PET

É possível ter pets de espécies diferentes? Veja aqui!

Em tempos de redes sociais sua timeline pode te presentear com um vídeo fofo de um cachorro abraçadinho com um gato, ou um gatinho brincando pacificamente com um passarinho. Não tem como segurar o "own" ou "ai que fofinho!"

Mas se você pretender ter pets de espécies diferentes, precisa saber que é uma tarefa muito complexa e que dependendo da circunstância pode colocar a vida dos bichinhos em risco. Descubra quais espécies se dão bem e como fazer a convivência dar certo:

Cães e gatos



A famosa expressão "brigar como cão e gato" nos trouxe a ideia de que essas espécies vão necessariamente se desentender quando estiverem próximas, mas nem sempre é assim. Na verdade a convivência entre cachorro e gato pode ser muito amigável, porém é necessário avaliar a personalidade do seu pet e também dar a cada bichinho seu próprio espaço com seus pertences separados do outro, pois ambos são animais territorialistas;

Gatos e pássaros



Em raras exceções essas duas espécies irão conviver tranquilamente, mas geralmente a relação predador e presa fala mais alto. Os gatos são hábeis caçadores, e caso tenham acesso ao pássaro da casa poderão causar ferimentos e até acidentes mais graves. Por essa razão é recomendado evitar essa combinação;

Roedores e gatos



Lembra da eterna briga entre Tom e Jerry? Então, ela é real. O instinto de caça dos felinos ficará extremamente ativo na presença de um roedor. Caso o pequenino não esteja em segurança, dentro de uma gaiola, cercadinho ou local em que o gato não consiga acessar, as chances de uma tragédia são grandes;

Coelhos e porquinhos da Índia



Por mais que possa parecer uma ótima ideia pelo nível de fofura dos bichinhos, eles poderão ser uma ameaça para o outro. As duas espécies se comportam e se comunicam de maneira diferente. Os coelhos podem intimidar os porquinhos da Índia, além disso, os coelhos carregam bactérias que podem causar uma doença respiratória grave nos pequeninos.

Vai se separar do seu bichinho de estimação? Veja 5 dicas para combater a ansiedade

Cachorros são animais muito companheiros e se apegam bastante aos tutores, por essa razão não é incomum que sofram de ansiedade de separação, em várias situações.

Essa condição desperta um comportamento destrutivo no animal, podendo arranhar portas e janelas, latir e uivar constantemente, dentre outras ações que não vão fazer bem ao pet e ao tutor.

Separamos algumas dicas para ajudar você tutor a prevenir e combater a ansiedade de separação canina!

1. Mude seus "sinais de saída"

- Se possível mude a porta pela qual sai de sua casa;
- Pegue sua bolsa, carteira, casaco, chaves, mas não saia de imediato, fique brincando com seu cachorro durante uns 10/15 minutos antes de sair;
- Tente variar o local em que deixa sua bolsa, chave, casaco ao chegar em casa.

2. Não faça festa quando retornar

- Ao chegar em casa conver-

se calmamente com seu cachorro, e não demonstre um excesso de atenção. Espere ele se acalmar e então demonstre afeto, faça carinho e brinque com ele;

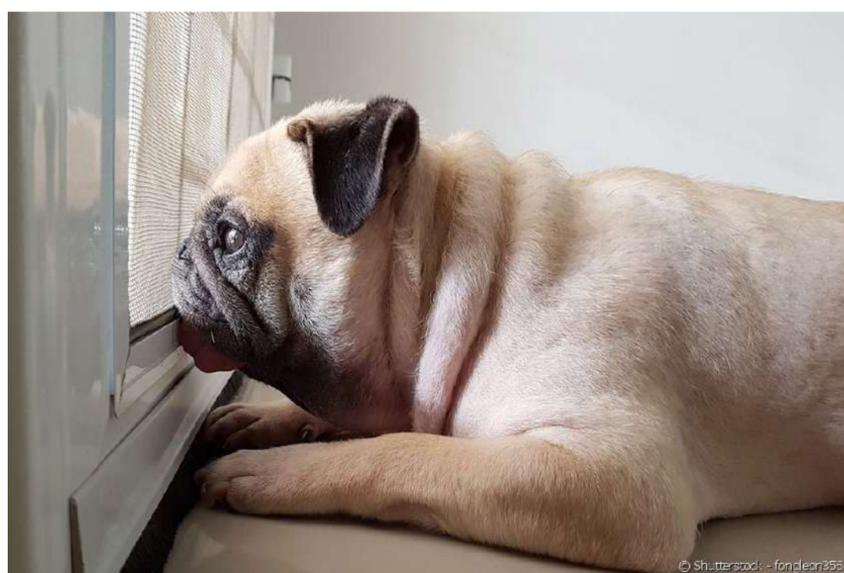
- Transformar seu retorno pra casa um motivo de grande animação pode reforçar o medo da sua ausência.

3. Durma sem o seu cachorro na cama

- Essa ação vai ensinar ao seu peludinho a curtir o seu próprio espaço e a ser independente de você;
- Isso vai facilitar a não desenvolver ansiedade quando você não estiver em casa.

4. Invista no enriquecimento ambiental

- Mantenha seu cãozinho entretido, com brinquedos que exercitem tanto seus músculos como sua mente;
- Separe um espaço na casa onde ele tenha tudo à disposição, seu bebedouro, comedouro, banheiro, caminha e brinquedos;
- Invista em itens que prendam a atenção e ofereçam conforto.



5. Não fique muito tempo ausente

- Algumas raças tem por característica lidar melhor com um longo tempo sem o tutor em casa, outras por exemplo, não toleram a falta de companhia;
- É importante o tutor conhe-

cer bem seu cachorrinho e saber da sua personalidade. Não existe um número de horas que o cão pode ficar sozinho, mas se for preciso se ausentar, garanta que ele tenha tudo que for necessário e que esse período não seja superior a 8-10 horas.